

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

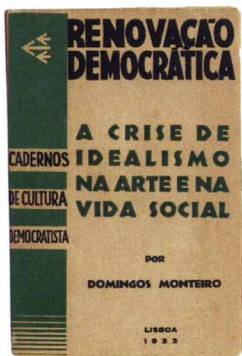
Domingos Monteiro: A Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Domingos Monteiro: A Crise de Idealismo na Arte e na Vida Social (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 140.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

tada à Faculdade de Direito de Lisboa e intitulada *Bases da Organização Política dos Regimes Democráticos*⁶. No final dos anos 30, cessará toda a actividade política



— a que só voltará, em parte, com a fundação do jornal *Pátria* em 1976, fruto do desencanto com os caminhos trilhados pela Revolução de Abril —, mas em 1944 a sua produção ensaística seria enriquecida com *Paisagem Social Portuguesa*, texto que, a partir do interesse pelo «homem social» português, se propõe descrever, segundo a aparência física e o vestuário, a posição económica e a mentalidade, os vários estratos da nossa sociedade, recorrendo a uma analogia com a planície (povo) e o perfil orográfico do país (pequena, média e alta burguesia)⁷.

Outra vertente das publicações de Domingos Monteiro a caminho da escrita literária, nunca mencionada na bibliografia secundária nem nos verbetes que lhe são dedicados em obras de referência, é a actividade de tradutor, mantida ao longo de praticamente toda a carreira criativa. Antes da estreia como contista, traduziu, sempre para a editorial Inquérito, *Duplo Crime na Linha*



Maginot, de Pierre Nord, publicado em 1939 a abrir a colecção «Aventura»; em 1941, contos de Guy de Maupassant (para a série «Os Melhores Contos dos Melhores Contistas»), e em 1943, o romance de Joseph Kessel *Os Cativos* (este na colecção «Os Melhores Romances dos Melhores Romancistas», que albergava prémios Nobel em número muito significativo). Na verdade, ao longo dos anos 40 foi intenso o seu labor tradutório, voltado para autores canónicos como Edgar Allan Poe, Jack London, Robert Louis Stevenson, Otto Ludwig e Valle-Inclán. Nos anos 50 avultam Thomas Mann (*As Confissões de Félix Krull*, *Cavalheiro de Indústria*, e uma antologia de contos) e Balzac (*A Rapariga dos Olhos de Ouro*) e, já na década de 60, Rosny Ainé, Paul Vialar, Mark Twain. Não

cabe no âmbito do presente estudo analisar as relações entre o tradutor e o escritor Domingos Monteiro, mas assinala-se desde já que esta tarefa da investigação fica pendente — se e como se interpenetram, se interestimulam as duas escritas⁸.

Na memória literária do século xx, a breve história da recepção da obra de Domingos Monteiro desenrola-se no domínio do conto e da novela⁹. Para além de recensões favoráveis de críticos como António Quadros, Luís Forjaz Trigueiros, Franco Nogueira, João Gaspar Simões e David Mourão-Ferreira, para nomear só os mais conhecidos, ficou-nos apenas o longo estudo de Álvaro Ribeiro «Psicologia e Ética na Obra de Domingos Monteiro» (Ribeiro, 1965), filiando o escritor na tradição camiliana, e em Unamuno e María Zambrano quanto ao pensamento que irradia das narrativas, em assuntos como a vida e a morte, ou a mulher, o casamento e a família. Vale a pena ler o ensaio do filósofo portuense como testemunho de um discurso cultural sobre os assuntos referidos, que ajuda bastante a compreender o